

**REFORMAS:** *Presidente do Senado, ofendido, não aceita pedido de desculpas*

# ACM e Sarney batem boca no Senado apesar da amizade de mais de 40 anos

Senador baiano classificou suspensão da ordem do dia de 'golpe sujo'

Adriana Vasconcelos e  
Cristiana Lôbo\*

● BRASÍLIA. O esforço do governo para garantir ontem a votação da reforma da Previdência na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) conseguiu uma coisa que parecia quase impossível: abalou a amizade de 40 anos entre o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), e o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Irritado com a decisão de Sarney de suspender a ordem do dia do Senado para que a votação na CCJ pudesse prosseguir, Antonio Carlos classificou o gesto do amigo de "golpe sujo". Mesmo depois de ter ouvido um pedido de desculpas público do colega, Sarney deixou claro que não engoliu a ofensa e negou-se a perdoar o senador.

Tudo começou quando o presidente do Senado decidiu aceitar um requerimento dos líderes da base governista para suspender a ordem do dia.

— Saí de casa às pressas e por isso entrei nesta fria — disse Sarney depois da confusão em plenário, reconhecendo que o acordo não tinha o aval da oposição.

Sarney fez o anúncio em plenário depois de conversar ao telefone com o líder do governo, Aloizio Mercadante (PT-SP), que estava reunido com os líderes do PT, Tião Viana (AP), e do PMDB, Renan Calheiros



SARNEY: "Entre nesta fria"

*"Eu seria incapaz de praticar qualquer gesto sujo na presidência desta Casa"*

JOSÉ SARNEY



ACM: senador reafirma erro

*"Eu jamais teria a intenção de dizer que (Sarney) praticou um golpe sujo. Não tive essa intenção"*

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

(AL). Mas o regimento interno só autoriza a suspensão da ordem do dia em casos excepcionais e com o aval de todos os líderes partidários da Casa.

A oposição, após o anúncio de Sarney, passou a protestar sem respeitar o pronunciamen-

to que o senador Marcelo Crivella (PL-RJ) fazia. O presidente do Senado, que havia deixado o plenário, foi obrigado a voltar e reassumiu o comando da sessão justamente quando Antonio Carlos terminava seu protesto.

— Esse é um golpe sujo que

a Mesa está dando e que não pode ser aceito — disse Antonio Carlos.

Já na sua cadeira, Sarney não escondeu a irritação com as declarações do amigo.

— Peço licença ao senador Marcelo Crivella para dizer, e principalmente ao senador Antonio Carlos Magalhães, que me conhece há mais de 40 anos, que eu seria incapaz de praticar qualquer gesto sujo na presidência desta Casa — reagiu. — Consultei o plenário e julgava que esse era o entendimento geral da Casa. Se não o é, não tenho alternativa senão obedecer ao desejo da Casa.

Os líderes do governo e da oposição tentaram serenar os ânimos, sem recuar, no entanto, em suas estratégias. Antonio Carlos desculpou-se, mas reafirmou que Sarney errara.

— Saiba vossa excelência que eu jamais teria a intenção de dizer que praticou um golpe sujo. Não tive essa intenção. De qualquer maneira, teve uma vantagem o erro do adjetivo, porque vossa excelência recebe agora a solidariedade de toda a Casa, inclusive a minha e a de meu partido.

Sarney retrucou:

— Quero dizer a vossa excelência que eu preferiria não ter o apoio de nenhum dos que tive a ter sofrido a ofensa de vossa excelência. ■

(\*) Do GloboNews.com

## CCJ começa a votar a previdenciária

No Senado, oposição consegue empurrar votação para a madrugada

● BRASÍLIA. A sessão da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado marcada para votar o relatório do senador Tião Viana (PT-AC) sobre a reforma da Previdência transformou-se ontem numa espécie de teste de resistência diante do processo de obstrução comandado pela oposição. Mesmo sendo minoria, PSDB, PFL e PDT conseguiram empurrar a votação da reforma para o fim do dia e a votação do texto-base, sem as emendas, entrou noite adentro.

Mas o governo, antes mesmo da apreciação do relatório de Tião Viana, que manteve inalterado o texto votado pela Câmara, dava como certa a aprovação da reforma, com um placar folgado, já que os representantes da base, sozinhos, reuniam 14 dos 23 votos da CCJ.

Para dar maioria ao governo

na CCJ, o PMDB foi obrigado a substituir pelo menos dois de seus membros na comissão: Romero Jucá (RR) entrou no lugar de Iuvêncio da Fonseca (MS), que foi para o PDT, e o líder da bancada, Renan Calheiros (AL), ficou com a vaga de Papaleo Paes (AP), que votaria contra.

### Mercadante provoca discussão com a oposição

Para retardar a votação do relatório de Tião Viana, a oposição preparou pelo menos cinco votos em separado. Logo na primeira hora de sessão, houve um acalorado bate-boca provocado pelo líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante. O embate começou quando o senador José Jorge (PFL-PE) pediu ao senador Demóstenes Torres (PFL-GO) que lesse mais lentamente seu voto para permitir melhor compreensão. O líder do go-

verno, impaciente, provocou:

— Por mais devagar que o voto seja lido, vai ser de difícil a compreensão para o PFL que mudou de posição.

Mas coube ao senador Eduardo Suplicy (PT-SP) protagonizar um dos episódios mais inusitados da sessão. O senador Demóstenes pediu licença para se ausentar da CCJ por alguns minutos e solicitou que Suplicy, da base governista, prosseguisse a leitura do voto da oposição.

Suplicy fez questão de esclarecer que o voto não era dele, que fazia apenas uma gentileza, mas ao iniciar a leitura, não se conteve.

— Sobre essa modificação na proposta de reforma eu também sou a favor — disse o petista, referindo-se à proposta do PFL de realizar um censo previdenciário a cada cinco anos. (A.V. e C.L.) ■